UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

AMANDA ZUHDI DIMES

OLHAR PARA VER: O JORNALISMO DIANTE DA VIDA ESQUECIDA

BRASÍLIA
2021

AMANDA ZUHDI DIMES

OLHAR PARA VER: O JORNALISMO DIANTE DA VIDA ESQUECIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional, sob a orientação da Profª Drª Elen Geraldes.

BRASÍLIA
2021

Olhar para ver: o jornalismo diante da vida esquecida[1]

Amanda Zuhdi DIMES[2]

Elen Cristina GERALDES[3]

RESUMO

Este artigo tem alma de ensaio. Embora produzido no altar da ciência, aproxima-se da arte e da vida. Não pretende chegar a conclusões definitivas. Pede licença para falar "eu", para usar "meu", para aceitar "aqui". Tem como teorias de apoio a obra de jornalistas, escritoras e pensadoras que se incomodam com a distância entre sujeito e objeto, entre entrevistador e fonte, entre teoria e vida. Sim, recorre a dados, algumas vezes, mas sabe que o preconceito, o silêncio e a falta de empatia são reais e palpáveis, embora não caibam em tabelas e quadros. Este artigo existe por Dona Ana Lúcia, por você e por mim, porque há coisas que o jornalismo não consegue falar e fechar os olhos não é a saída.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres em situação de rua; jornalismo humanizado; entrevista, gênero.

ABSTRACT

This article has the soul of testing. Although produced on the altar of science, it is close to art and life. It does not intend to reach definitive conclusions. Asks permission to say "I", to use "mine", to accept "here". Its supporting theories are the work of journalists, writers and thinkers who are uncomfortable with the distance between subject and object, between interviewer and source, between theory and life. Yes, he uses data sometimes, but he knows that prejudice, silence and lack of empathy are real and palpable, although they do not fit into tables and charts. This article exists for Dona Ana Lúcia, for you and for me, because there are things that journalism cannot talk about and closing its eyes is not the way out.

KEY WORDS: Homeless women, humanized journalism, gender.

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – FAC/UnB, como requisito para obtenção do título de bacharela em Comunicação.

[2] Estudante de Graduação 12º semestre do Curso de Comunicação Organizacional da FAC-UnB, e-mail: amandazdimes@gmail.com

[3] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Organizacional da FAC-UnB, e-mail: eticamonitoria2018@gmail.com

A INCÔMODA PRESENÇA

Ao ler este artigo, talvez você experimente algum desconforto. Está frio, quente ou seco demais. Talvez haja obras, música alta ou latidos na casa do vizinho. E aquela dor de cabeça que persiste apesar do analgésico? Embora nosso cotidiano possa ser permeado de pequenos e grandes mal-estares, acredite, a situação de rua é ainda mais ameaçadora e desconfortável, embora também atraente e sedutora. Segundo o I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fomes (MDS)[4], entre os anos de 2007 e 2008, as principais razões que levam as pessoas a fazer da rua suas moradas são: problemas com alcoolismo (35,5%), perda de emprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%) — com correlação entre eles, muitas vezes. Embora não seja a principal causa das saídas de casa, a escolha pessoal de morar nas ruas existe e se conecta com a ideia e sensação de liberdade que a rua proporciona, principalmente quando a casa for um ambiente de medo, de violência, de opressão. Ser mulher nessa condição é temer estupros e outras formas de violência física e simbólica, é não ter acesso, muitas vezes, a materiais de higiene como sabonetes e absorventes, é conhecer muito de perto o risco da fome e das doenças e ser invisível e insignificante para a sociedade. Neste caminhar, a mulheridade [5]e/ou a feminilidade podem se tornar tão distantes e desconhecidas quanto elas por elas mesmas. Por respeito, se não por si mesmas, por seus filhos, permanecem onde podem e precisam e, às vezes, atingem um pouco de tranquilidade. Mas tudo muda rápido, é a chuva, ou a seca extrema, o trânsito, a solidão, a falta de espaço, a polícia, os outros.

Neste artigo-ensaio, buscarei compreender como o jornalismo pode se aproximar dessas pessoas e estabelecer um diálogo possível, não para **pretensiosamente** "dar voz", mas para acolher e ouvir.

Antes de iniciar, de fato, eu me apresento como mera observadora-participante de um degrau privilegiado pela cor branca e pela classe social. Sinto, ainda, como se eu não pudesse falar sobre o tema com propriedade. E é isso mesmo. Eu nunca experienciei a condição de

[4] Em 2008, a Defensoria Pública do Rio de Janeiro ajuizou uma ação civil pública para que as pessoas em situação de rua fossem incluídas no próximo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No início de 2019, saiu a sentença determinando que o censo 2020 do IBGE deve incluir a população de rua. A primeira vez na história do Brasil, desde 1872. Entretanto, com a pandemia do coronavírus, o censo foi adiado para 2021.

[5] hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. Tradução Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. Nesse livro, a autora retrata o começo das lutas feministas nos Estados Unidos e a posição da mulher negra frente aos movimentos feministas. Mulheridade é um conceito atribuído às mulheres negras contemporâneas para explicar o porquê de não se juntarem às lutas: "[...] porque não víamos 'mulheridade' como aspecto importante de nossa identidade" (hooks, 2019, pág. 17).

estar em situação de rua ou de vulnerabilidade. Reconhecer a minha bolha de observação é de extrema importância para a fluidez do texto. As minhas experiências se entrelaçam no desenrolar porque acredito que a entrevista humana é essencial para os compartilhamentos de vida, eventos não necessariamente noticiáveis. Eu lhes apresento uma linha de raciocínio, e Dona Ana Lúcia partilha de mundos, pessoas e momentos — nem sempre agradáveis — para você imergir com um aperto no peito. Para muitos, um terreno estranho. É dessa disparidade que partimos. Este trabalho é mais que parágrafos costurados, são vivências cruzadas e remodeladas. Espero que de Amanda tenha ficado um pedaço em Dona Ana Lúcia, porque em mim, ela está em memória e pele.

O presente trabalho, a partir da entrevista em profundidade e revisão bibliográfica, pretende apresentar as particularidades que envolve estar em situação de rua. Tenta responder à seguinte questão-problema: Como o jornalismo pode estabelecer um diálogo possível com uma mulher em situação de rua? As justificativas para a realização deste estudo são de duas naturezas. A primeira é a sua relevância social, fundamentada na ideia de que a ciência deve transcender seus preconceitos e se esforçar para ver o que ninguém enxerga, inclusive para subsidiar a formulação de políticas públicas. A segunda é de ordem acadêmica: há poucos estudos que abordem a população de rua pelos vieses comunicacional e de gênero, conferindo originalidade ao artigo. É dividido em quatro partes: a primeira, Ser mulher, o quê?, explora o conceito e significado de ser mulher. A segunda, O esquecimento naturalizado, apresenta a negligência consciente com aquelas e aqueles que habitam as ruas. A terceira, Cercada de palavras longínquas, expõe o referencial teórico e metodologia da pesquisa. A quarta, Lendo as ruas, apresenta alguns estudos que me inspiraram. A quinta, À luz da esquina, a conversa com Dona Ana Lúcia. Por fim, em Escutar a espessura das palavras, o jornalismo e o tema.

SER MULHER, O QUÊ?

Para esta análise, considero uma perspectiva binária. Portanto, as expressões de feminilidade e/ou masculinidade não são inatas ao seres humanos, uma vez que são ensinadas ao longo da vida. Ou seja, ninguém nasce sabendo o que é nem como ser mulher ou homem. Este é um processo de aprendizado que pode desencadear diversos preconceitos. A personalidade e os comportamentos podem, erroneamente, serem explicados e suportados e pré-determinados pela biologia. Beauvoir (1949), em sua critica ao determinismo biológico de sexo, comenta que a determinação natural, o sexo biológico, não é adequado para explicar as diferenças ou desigualdades entre as condutas e comportamentos feminino/masculino. Na

construção identitária, as relações sociais exercem maior influência e devem ser usadas para explicar a personalidade e comportamentos:

> Finalmente, uma sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere. (BEAUVOIR, 1949, pág 56 e 57)

A aprendizagem e processo de identidade pessoal baseados no sexo biológico são restritivos e exludentes do contexto social em que o indivíduo está inserido, uma vez que a cultura é uma lente para a compreesnão de mundo. As diferenças entre os seres humanos não estão ancoradas no determinismo biológico, mas sim direcionadas por especificidades culturais. Para Scott (1989), o conceito de gênero é essencial para entender como as relações sociais são consolidadas entre as desigualdades, encadeando as relações de poder:

> O uso do 'gênero' põe enfase sobre todo um sistema de relações que podem incluir o sexo, mas ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade(...). O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.(SCOTT, 1989, pág. 14 e 28)

A partir do destaque de Beauvoir (1949), em sua clássica crítica ao determinismo biológico, que "não se nasce mulher, torna-se mulher", sigo em busca do que significa ser mulher.

A construção de uma personificação feminina não demorou, mas se transformou, e ainda se transforma dentre os grupos sociais. Ser mulher não é uma escolha, no sentido em que não é necessário nascer com ovários, útero e vagina para ser mulher, assim como tê-los não significa ser mulher. Ser mulher é sentir que é. Infelizmente, a feminilidade segue perpetuada como uma obrigação vinculada à genitália. Aquelas que lutam por reconhecimento de serem mulheres enquanto as regras sociais ditam que, pela sua genitália, não é possível e nunca será, são parte da nossa importante história de mulheres que são mulheres porque são, e que nenhuma explicação deve ser dada para suportar este fato.

Para haver participações em comunidade dentro desse sistema cultural-social é importante que se tenha política. Hannah Arendt diz que *a dignidade da política é a dignidade do ser humano*, ou seja, a política é como o motor da vida coletiva. E ela se faz no espaço *entre* as pessoas. É o espaço em que você está ao lado do outro, aquele espaço que faz

com que duas pessoas possam se comunicar até de maneira conflituosa, mas de um ponto de vista que o conflito é dirigido para o bem comum da cidade. Permite a pluralidade. Mas, infelizmente, se perdeu com o individualismo elogiado. É a ideia de espaço compartilhado. Entre. Contudo, a política deixou de ser a gerência do bem comum e passou a ser a administração das necessidades dos indivíduos. Para Arendt, a sociedade do indivíduo foi instaurada para que ele fosse livre e soberano, mas, consequentemente, se torna uma sociedade de massa. Perde-se então, o sentido de universo plural. A existência moderna se conjuga na primeira pessoa.

A sociedade de massa é composta por indivíduos iguais, que perdem singularidade e valor. O indivíduo perde-se de si próprio. Este grupo torna-se homogêneo e manipulável e altamente produtivo. Entende-se que o indivíduo foi destituído de sua individualidade e o sujeito de sua subjetividade. Logo, o humano vira o **material humano** em que o exagerado interesse próprio impossibilita a *comunidade*, que é um agregado acidental, pois de acordo com a mudança de interesses, as migrações de grupos em grupos acontecem.

E já que no mundo contemporâneo basta ter o *outro*, esse não deve ser tratado com solidariedade, mas como competidor. Perceba que nem no outro há espaço para a mulher — em a outra, inexistente —. Logo, mais do que ser invisibilizadas, as mulheres ainda são consideradas competidoras neste pedestal patriarcal, mas, mais como competidoras passivas, como escadas para outros. O esquecimento (ou será o não-olhar, até porque para esquecer, precisa-se ter visto, memorizado) a feminização – conceito, aqui atribuído às especificidades das quais uma mulher é construída – é mandatória, apresentando um ser-objeto sensível, materno, agradável, incapaz, frágil e diversos estereótipos que contribuem para a representação, convivência e olhar próprio de milhares de nós. A materialização humana conosco toma um nível mais profundo de esquecimento de quem fomos, somos e podemos ser, dado que as regras e barreiras sociais se baseiam na biologia.

O ESQUECIMENTO NATURALIZADO

No Brasil, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a estimativa de pessoas em situação de rua em 2020 era de 221,859. Contudo, de acordo com o IPEA, o número de pessoas em situação de rua aumentou durante a pandemia, causada pelo coronavírus (Covid-19), por conta da economia desacelerada e desocupação crescente. Entretanto, quando se imagina na população de rua, é comum, e você também pode ter pensado assim, pensar em um grupo de homens sujos, mal vestidos e/ou agressivos. A incapacidade de enxergar a mulher em situação de rua como mulher é a naturalização do

pressuposto de que todos que estão na rua são homens. Ou, ainda ao serem reconhecidas como mulheres cis ou homens trans, as particularidades do corpo feminino são deixadas de lado, como a saúde menstrual e gestacional. Rozendo (2016, p. 202) reafirma a invisibilização destas: "as mulheres em situação de rua são as excluídas dos excluídos", referindo-se à seleção de desabrigados para o "Censo de População de Rua de São Paulo", em 2015, no qual apenas homens foram selecionados.

A população em situação de rua, segundo Pereira (2019), da perspectiva Marxista, é um fenômeno gerado pelas transformações resultantes da revolução industrial, onde as relações sociais foram remodeladas pela mudança nos meios de produção e a pobreza passou a ser diretamente ligada à apropriação privada desigual da riqueza socialmente produzida. Assim, entende-se população em situação de rua como:

> Um grupo populacional heterogêneo, mas que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, fatores que obrigam os seu integrantes a procurar os logradouros públicos [...] como espaço de moradia e de sustento, por contingência temporária ou de forma permanente, ainda que utilizem albergues para pernoitar, abrigos, casas de acolhida temporária ou moradias provisórias. (SILVA, 2009, p.136)

A figura/persona da pessoa em situação de rua em nosso imaginário tem bordas limitantes. Delimitam, pouco a pouco, até reduzir ao que é o senso comum de alguns, baseado no coletivo. No final, vê-se o quê/quem é ou o quê/quem espera-se ser para alimentar a persona criada no pensamento, formando, ainda, opinião à base, muitas vezes, de estereótipos e na distância pacificadora e segura que os acompanha. A despersonalização acontece, primariamente, pelas roupas. Por isso, é muito mais fácil estampar estereótipo sobre o outro do que entender o que é, como se sente, o que pensa o outro. Estamos entre o humanizar e o coisificar: "A vida sempre fica fácil quando reduzida a um ponto de vista que nos coloca como civilizados em contraposição ao outro — sempre feio, sujo, malvado, e ignorante". (Brum, 2017, p.240)

CERCADA DE PALAVRAS LONGÍNQUAS

Esta costura se faz em uma pesquisa andança cheia de perguntas, poucas respostas, inspiração, indignação, sofrimento e orgulho, abrangendo desde o meu primeiro contato com o tema até as pessoas com quem pude debater e ter apoio durante esta caminhada — curta mas contínua —. Aqui utiliza-se a revisão bibliográfica e a entrevista em profundidade como recursos de produção, permitindo a análise de um ponto específico. A primeira se baseia em

uma extensa pesquisa sobre o tema, com levantamento de referências escritas já analisadas. Assim, permite-se ao (à) pesquisador (a) conhecimento sobre o que já foi estudado sobre o tema. Aqui, este levantamento foi reduzido, com algumas obras para citação e outras de inspiração. De forma interdisciplinar, a exploração literária caminha entre a comunicação, saúde, feminismo, racismo, políticas públicas, e a realidade brasileira atual. Já a entrevista em profundidade, segundo Duarte (2009), tem o objetivo de compreender o contexto do problema, identificando a diversidade nas situações com mais abertura do que as conclusões pré-estabelecidas. Paralelamente, a entrevista como ferramenta de diálogo se fez com a escuta ativa da(s) história(s) de vida, com um roteiro, mas não um questionário. Tentou-se praticar o diálogo possível, baseado em Cremilda Medina (1986), com o contato humanizado e compreensão do mundo, em que tanto a entrevistadora quanto a entrevistada passaram pela intimidade repentina e saem alteradas do encontro:

> Eis algumas das possibilidades de enriquecimento informativo na entrevista aberta, sem a camisa-de-força do questionário fechado: o centro o diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação. Edgar Morin acredita na prática do diálogo. O *diálogo é uma práxis*, diz ele, portanto trata-se de restaurá-lo como prática humana. E por que não no jornalismo, cuja finalidade última é a comunicação? (MEDINA, 1986, pág.11)

A entrevista por si só é um tanto de perguntas respondidas, o que já é satisfatório para alguns. O tempo de escutar investido em uma conversa revela muito sobre a intenção e rumo da conversa, do empenho e abertura que todos os envolvidos têm e terão ao longo da caminhada. Perguntar sem invadir é uma delicadeza gerada pela confiança, muitas vezes repentina, entre estranhos. É o olho no olho, o peito aberto e o coração também. Além de ouvidos atentos. É mergulhar na história pelos olhos da outra pessoa. Brum (2017) reitera: “A gente não mergulha no mundo do outro impunemente. E depois vai embora como se nada tivesse acontecido. Toda viagem é sem volta”. É se encontrar em um contexto não por direito, mas por concessão, através da imaginação criada. Visualizamos juntos, eu da forma mais fidedigna que consigo adentrar, e ela (e) como realmente foi. Eu absorvo o que me é permitido, e por uma fração de tempo, eu estou lá. Sou viajante de histórias alheias. Meu lugar é determinado por quem me conta, por sua vez. Não há privilégio maior. Sou andarilha do tempo e me locomovo por onde e quando as memórias aconteceram e são relembradas e vividas. Mais que uma pergunta respondida, sou permitida a um caminho de emoções. Navego sem medo. A pergunta é um pedido de permissão e abordagem. Mas sou curiosa e aponto para alguns horizontes. Vamos. Ou não. Às vezes, momentos longos, às vezes três

segundos. Me despeço com respeito por uma viagem tão íntima e emocionante, por mais rápida que seja.

LENDO AS RUAS

Ser mulher em uma sociedade machista e patriarcal é ser o outro, inevitavelmente. Estar em situação de rua gera estranheza entre os grupos sociais, como o que está de fora e não pertence ao convívio. Mas, mesmo para estar do lado do outro é preciso ser ou performar a masculinidade, e assim a despersonificação da mulher toma forma. Estar condicionada a ocupar essa posição indigna, e as que podem, lutam. O incômodo de ser o outro é grande, o descolamento social imposto machuca, e muito. Esse não-lugar modifica a identidade de muitas mulheres pela condição social que têm. Bortoli (2016, pág. 12) afirma que "Mulheres em situação de rua, portanto, são a minoria de uma minoria; as excluídas dos excluídos".

Suzana Rozendo Bortoli, em sua tese de doutorado, defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com o título **Mulheres adultas em situação de rua e a mídia: histórias de vida, práticas profissionais com a população de rua e representações jornalísticas**, analisa como o jornalismo de grandes veículos apresenta as mulheres em situação de rua, e como elas se sentem representadas. Conclui que o assunto é tratado de forma rasa, validando estigmas, preconceitos e estereótipos em matérias entre o sujeito-objeto. Quando as fontes das matérias são mulheres e pessoas em situação de rua, é comum que a desumanização aconteça nas entrevistas em que a (o) repórter não permite a fala da (o) entrevistada (o), falando por ela (e). Acredito que seria uma entrevista conveniente com o objetivo exclusivo de noticiar uma pequena parcela da realidade, onde o mais importante são as aspas das fontes, mesmo que não saiam de suas vozes. Por isso, há de se entender que voz não é dada, é amplificada.

Quanto ao pensamento sobre o aumento da população de rua ano após ano, Bortoli defende que a situação – e fato – não deve ser restrita ao crescimento urbano, mas sim às desigualdades sociais, englobando os problemas históricos sociais: "A população de rua não deve ser retratada como um problema urbanístico, mas sim, fruto de desestruturas sociais. Com esse viés, pode-se ajudar a diminuir os estereótipos de quem não tem onde morar". (BORTOLI, 2016, pág. 192)

Anderson da Silva Rosa, em sua tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), intitulada **Mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo: um olhar sobre trajetórias de vida**, expõe obras diversas para suportar as

disparidades sociais encontradas nas vivências das mulheres nas ruas de São Paulo (mas não somente, já que o estudo foi aberto a todas as pessoas que fazem da rua seus lares). Durante as entrevistas realizadas foi possível identificar os motivos de estarem em situação de rua, as violências sofridas, a relação com homens e mulheres, vivendo em grupos, como medida protetiva, e a valorização e o acesso ao sistema de saúde para cuidar e prevenir. Rosa defende o reconhecimento e a inclusão das especificidades das mulheres nos programas de atenção, além da criação de políticas públicas que atendam as mulheres em situação de rua em suas totalidades, abarcando suas peculiaridades de forma sucessiva e interdisciplinar entre áreas distintas da sociedade, como redes de apoio informais e formais.

Carolina Datria Shulze, em sua dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2018, nomeada **QUANDO O CORPO SE TORNA LAR: narrativas de moradoras de rua de Porto Alegre/RS**, utiliza da cartografia como método em uma "pesquisa-andança", com o movimento dos estudos e das entrevistadas participantes da fluidez.

São essas leituras que me alimentaram para o encontro, a troca. Eu caminho para encontrá-la.

À LUZ DA ESQUINA

Era uma tarde de sexta-feira com cara de quinta, cinzenta, fria e chuvosa. Eu não sabia que ia encontrar a Dona Ana Lúcia naquele dia. Na verdade, eu tinha outra entrevista marcada. Com a Sueli, piauiense, mulher cis de 42 anos em situação de rua, no final da Asa Norte - local onde ela dorme e circula vigiando carros, ajudando fregueses nas compras de mercado e com reciclagem para juntar dinheiro. Quando cheguei na quadra, nos encontramos, mas ela pediu para esperar um tempo, já que estava trabalhando. Quando conversamos brevemente, e eu me apresentei, ela foi muito simpática e receptiva. A fala era um tanto confusa, mas ela estava disposta a ajudar. Percebi, ainda, que ela segurava uma garrafa com cerveja e seguia bebendo. Depois de certo tempo, ela me disse que não queria falar naquele dia e que outro dia ela falaria, e saiu andando. Eu concordei e fui embora. Ao seguir as quadras acima, passei em uma rua atrás de escolas e faculdade particulares, ali se abrigam, pelo que eu vi, de cinco a dez famílias, cada uma com sua barraca, barraco, carrinhos de madeira, etc. com uma distância considerável entre eles. Parei e a neta da Dona Ana Lúcia, a Ana, logo veio em minha direção, eu a perguntei se aquela senhora de blusa rosa era sua mãe, e se eu podia conversar com ela, ela me explicou que era sua avó e concordou. Adentrei o espaço delas pedindo licença. Me apresentei e expliquei o porquê eu estava ali e ela, de

prontidão, aceitou conversar comigo. Logo, arrumou um galão vazio e um papelão seco para eu sentar. Ela quis ficar de pé. Perguntei se podia gravar. Sim. Começamos. Lá para mais de 40 minutos de conversa, percebo que o gravador parou de gravar aos 2min. Peço desculpas à Dona Ana e pergunto se podemos começar de novo. Ela ri e diz que sim. Agora ela pega uma cadeira e papelão seco para forrar, e senta. Seguimos voltando daqui.

Ana Lúcia da Conceição é brasiliense, nasceu em 14 de agosto de 1967, e este ano completou 54 anos. Vem de uma família grande, e cresceu em Planaltina (DF). Frequentou a escola, mas não sabe ler nem escrever, mas reconhece os números e sabe assinar o nome. Ela ressalta que ia para a escola para comer, porque passava muita fome. Se casou ainda criança e teve o primeiro filho aos 13 anos. Ao todo, são sete filhos. O ex-marido tinha problemas com alcoolismo, gastava todo o dinheiro com jogo e a agredia e os filhos também. Então, ainda neste período, ela passava fome. Relembra, ainda, que guardava e esquentava a água que lavava o arroz para servir como sopa, e muitas vezes era isso que tinha para comer e dar aos filhos, quando tinha. Ela comenta que não era permitida, pelo ex companheiro, trabalhar nem sair e muito menos conversar com a vizinhança. Ela deveria apenas ficar em casa, cuidando dos filhos e das tarefas domésticas. Durante o casamento ela foi agredida inúmeras vezes e conta, com pesar nos olhos, o que acontecia:

> Foi vinte e um anos de sofrimento. Não tinha um dia que diria assim: "esse dia eu não apanhei", eu apanhava de resguardo, eu tive depressão por causa disso. Eu apanhava grávida, de resguardo. Da minha filha mesmo eu apanhei de cabo de sinuca nas costa, fui parar no hospital. Quem veio me buscar, que era aqui no cerrado mesmo foi um policial, que uma mulher tinha chamado a polícia. Aí ele fugiu esse dia, aí o policial me perguntou se ele tinha me batido e eu falei que não. Aí ele falou assim: "se você me falar, eu vou dar uma surra tão grande nele que ele nunca mais vai bater em mulher", e eu: "não, não foi ele que me bateu não, eu caí foi passando mal". E eu tava com oito meses de grávida da minha filha mais velha. E aí depois disso aí, depois eu tive essa última menina, aí de tanto de sofrer demais, aí eu tive uma depressão profunda. Muito difícil pra mim recuperar dessa depressão. Até hoje eu sofro, porque eu tenho ansiedade, problema de ansiedade, sabe? E foi muito sofrimento. Tive meu filho mais velho, teve uma depressão que ficou na UTI por causa dele também, né? O pai dele judiava muito dele, batia muito. E aí ele cresceu vendo eu apanhar e ele gritava: "papai, não mata a mamãe, não mata a mamãe", pulava nas costas dele, pegava e jogava o menino lá longe. Aí eles cresceram assim, os meninos tudo cresceu naquela: "Ah, meu pai batia na minha mãe. Meu pai espancou minha mãe". E aí, esse filho meu deu depressão. A menina mais velha deu depressão, tem até hoje, tá se tratando. E é ruim, minha filha...É sofrimento demais, muito sofrimento (informação verbal).

A vida não foi nada fácil para a Dona Ana e ainda não é. Contudo, agora um pouco menos. Hoje ela se sente livre e relembra que o casamento e a estada breve na casa de sua mãe foram como aprisionamentos. A relação abusiva foi consolidada em comportamentos tóxicos, com incontáveis violências físicas e psicológicas cometidas por ele. Depois de sair de casa e pedir abrigo na casa de sua mãe, com as crianças, ela foi desacolhida e todos voltaram para a antiga casa. Até que um dos filhos, com apenas oito anos, propôs que fossem morar na rua, pois uma tia tinha ido e estava construindo um barraco de madeiras. Cansada de ser espancada diariamente e rejeitada, ela concordou e, com todos os filhos, eles se mudaram, oficialmente, para a rua. Já faz tantos anos que ela já parou de contar.

Embora boa parte da vida dela tenha sido uma série de agressões, ela demonstra gratidão por tudo e por, há mais de 20 anos, fazer da rua sua morada com um pouco de paz. Diz, ainda, que perdoa o ex-marido por tudo que fez:

> Tem mais de vinte anos [que estou aqui]. Aí quando eu ganhei a casa, foi na época que eu ganhei a menina, minha mais velha, aí eu fui embora pra casa da minha mãe, eles invadiram minha casa, voltei pra minha casa de novo, mas só que aí eu ainda não tinha separado do pai deles. Eu tava com eles. Porque minha mãe mandou voltar, eu voltei. Aí depois que eu tive a minha caçula, que ela tava com três anos, foi quando eu decidi separar de vez. Os meninos já tavam tudo grandinho, né? Então eu pensava assim: "não, depois que os meninos crescer fica mais fácil, né?". E aí eu me separei, vim pra cá, e falei assim: "bom, agora é tocar minha vida pra frente". Aí ele ainda veio atrás com o facão, falou que ia tirar meu sangue dar pros meus filho beber. E eu saía fugindo, correria pra um canto ia pra outro, se escondendo dele, com medo, porque eu não acreditava que existia justiça, porque eu já dei parte dele muitas das vezes e a polícia nunca prendeu ele. Porque os policial de Planaltina era amigo dele, então eles não prendia ele. Foram criado junto, né? E aí eu já não acreditava mais, então eu tinha que lutar. É tanto que uma vez eu tentei matar ele, não vou mentir pra você, eu tentei matar ele uma vez, porque ele tinha me batido muito em cima da minha filha, e a minha filha ficou desesperada. Ele foi dar uma chinelada na minha cara e eu tava com minha filha no colo, eu tava de resguardo, e ele deu a chinelada e acertou na cara da minha filha novinha e esse dia eu criei um ódio muito grande, eu falei: "hoje eu vou te matar". Na minha mente: "eu vou te matar, vou acabar com tua vida hoje", só esperei, ele deitou, botou a menina assim e eu fui lá e acendi um fogãozinho de lenha, era aqui no cerrado mesmo, tinha um fogãozinho de lenha assim eu peguei uma concha cheia de gordura botei pra esquentar e falei: "hoje eu vou matar esse homem". Quando eu fui despejar no ouvido dele, parece que Deus usou a menina, a menina começou a gritar, ele assustou, eu assustei, a colher caiu longe. Deus me deu um livramento, porque eu poderia ter ido presa e meus filho ia ficar jogado. Mas que eu ia matar ele, eu ia. E hoje eu falo pra ele: "hoje eu te perdoo", mas eu perdoo ele, mas quem apanha não esquece. Quem bate esquece, mas quem apanha não esquece. Agora pensa você levar duas, três pisa no dia? Por nada, por nada. Às vezes eu tava dormindo, ele falava bem assim, ele não me chamava pelo

> nome, ele me chamava era desgraça. Ele falava assim: "eu vou ali, sua desgraça, quando eu chegar eu vou te matar". Aí tá, eu deitava pra dormir com os meninos, quando ele chegava eu fingia que tava dormindo, porque eu tinha medo dele. Eu fingia que tava dormindo e ele vinha nas costas com cigarro aceso e falava: "a desgraça tá dormindo", e pegava o cigarro e apagava nas minhas costa e apagava o cigarro nas minhas costa. Então foi assim a vida. Foi muita luta. Então, hoje eu agradeço a Deus pela vida que tô levando, porque eu sei que é difícil, mas pior de que isso eu já passei.

Ao falar das dificuldades atuais, ela aponta que a maior delas é a moradia e, embora tenha conseguido, há anos, um lote por programas de moradia, em Brasilinha, ela o perdeu porque foi invadido por criminosos locais. Com medo, nunca mais voltou ao local. Se divide, também, entre a coragem de ir nesse lote e tentar construir uma casa ou ajudar os filhos e netos:

> Pra mim eu acho que é mais difícil porque eu não tenho um lugar de morar. Só por causa de um lugar de morar. Eu tenho um lote em Brasilinha, um pedaço de um lote, mas de quê adianta se eu não posso fazer nem um barraco de madeira pra morar? Porque eu não tenho condições [de construir]. Eu não tenho condições. Eu tenho dois filho preso. Eu tenho que ajudar meus filho que tá preso. Eu tenho que levar as coisas pros meu filho. Tenho a filha grávida, separada do marido que tá arriscada, médico disse que é de alto risco, tá toda inchada. Aí tenho a outra também que eu ajudo. Então assim, não tenho condições de arrumar um lugar pra mim morar. As duas meninas separada do marido, dois preso, outro foi preso, e aí? Não é fácil. Aí eu penso assim: "Ah, se eu pegar esse dinheirinho aqui e eu for comprar umas madeiras aqui", como meus filhos vai comer? Tem que escolher. E sabe quantos netos eu tenho, só que a gente cuida? Cinco. São cinco neto. E aí, como é que eu faço, minhas filha, meus filho preso, com meus netos. Não é fácil. É difícil. Aí se for pro mode eu fazer um lugar pra mim morar, mas meus filho tá lá passando fome, precisando? Eu prefiro ajudar eles. E ajudar os netos e os filho aqui do que fazer um lugar pra mim morar. É difícil demais. Mas um dia a gente chega lá, né? (informação verbal)

Quando lhe perguntei se se sentia livre, ela comenta que sim, já que antes ela se sentia presa, mas que, embora não sofra agressão física como antes, a tão desejada paz ainda vem em gotas. A libertação alivia mas não dá descanso, e o desrespeito continua:

> É, hoje eu sou livre. Mas se eu tivesse um lugarzinho pra mim botar a minha cabeça assim dizer assim: " tô dormindo hoje tranquilo". Porque aqui a gente não dorme, é muito noiado, muito bandido, muito tráfico, sobe, desce, arriscado qualquer hora alguém chegar aqui e dá um tiro em você, bota fogo no barraco. Até aquele mesmo [a polícia], chega aí derruba tudo, não tá nem aí. Leva tudo que a gente tem. Um dia eles vieram aqui, pegou a comida, tava com meus netinhos tudo aqui, nois tava fazendo a comida, eles pegaram a comida e despejaram tudo no chão. A cesta que nois tinha

> ganhado, que era até do CRAS, eles levaram a nossa cesta. Nois ficou, chovendo, nois ficou sem barraco porque tinha levado o barraco, levou o carrinho, levou as panela, levou tudo, tudo. Nois ficou aqui uma semana dormindo, sabe aonde? Num restaurante que tem bem ali, bem ali, descendo aquela pista ali, tem um restaurante de um lado. Então lá não era fechado, era aberto. Aí nois ficou uma semana dormindo ali. Pra comer, a gente ia pedindo nos restaurante pra comer. Porque a gente não tinha como ficar aqui (informação verbal).

Pergunto, então, como ela se sente quando tem seus pertences arrancados de suas mãos sem que possa fazer nada, ela me olha com indignação da desmoralização sofrida frequentemente, e só consegue repetir uma palavra, *humilhada*.

Quanto aos filhos, dois estão presos há seis anos, cumprindo, cada um, 28 anos de prisão. Um tem 31 anos e o outro 28 anos. Dona Ana não comenta o motivo de estarem lá. Os outros também estão em situação de rua - assim como alguns de seus irmãos - e ajudam o seu atual esposo na reciclagem de materiais, mas ela afirma que não conseguem manter uma renda boa com o trabalho, além de ter que comprar muitos remédios (não só para ela):

> A gente tira mesmo, que nois tira, tipo assim, nois não temos carrinho pra trabalhar, porque o governo levou. Eles levaram. Então, assim, é um carrinho só, meu irmão trabalha de manhã e meu marido trabalha de tarde nesse carrinho. Aí fica assim, o máximo que nois tira é quatrocentos reais, no mês. A minha sorte foi que eu ganhei quatro pacote de arroz. Essa foi a minha sorte. O que eu ganho de auxílio é cento e cinquenta. Só cento e cinquenta. O quê que eu vou fazer com cento e cinquenta? Aí vem leite, tem menino pequeno, né? Tem neto. Aí eu já tenho que comprar leite, eu tenho que comprar remédio porque eu tomo muito remédio. Eu tomo remédio pro coração, eu tomo remédio pra depressão. Meu marido usa sonda, porque ele tem câncer, então é remédio pra câncer, remédio pra tudo. E tem a outra menina que é essa que tá grávida, que tem depressão, toma remédio pra depressão, toma remédio pra pressão, toma bombinha. É coisa demais, minha filha. (informação verbal).

Em nosso primeiro contato, além de me apresentar, expliquei sobre o trabalho e perguntei se poderíamos falar sobre menstruação. Ela ficou um pouco descrente do meu interesse por este evento mensal. Entendi, mais adiante, que Dona Ana abraça sua timidez com vergonhas. É o seu jeito, ela disse, e sempre foi assim. Dona Ana carrega as vergonhas no olhar, nas mãos e nos quase sorrisos. Escancara suas intimidades dolorosas para uma estranha. A conversa vai longe. Mas, para pensar e comentar sobre ela mesma, a hesitação aparece. Concordou em falar de ciclo menstrual, mesmo com a impressão de irrelevância para a entrevista. Aos 12 anos de idade teve a menarca e logo achou que tinha se machucado. Ao pedir ajuda para a mãe, lhe foi explicado que toda menina que estava virando mocinha tinha aquele sangue e que dali para frente sempre viria. Para conter o sangue, a mãe a ensinou

a fazer o “forrinho”, uma fralda de neném recortada e dobrada no tamanho de um absorvente, quando estivesse sujo, ela deveria retirar, lavar, secar bem e colocar outro pedaço no lugar. Assim fez e ensinou para suas filhas, e relembra que já rasgou muita fralda para fazer forrinho para todas.

A primeira vez que conheceu o absorvente descartável foi pela sobrinha que pediu dinheiro para a mãe para comprar o item, Ana perguntou o que era absorvente e a irmã explicou que era como o forrinho, mas vinha em um “plastiquinho”, ao ver ela achou incrível e pediu um – naquele dia ela estava menstruada –. “Eu achei muito interessante, mas como eu não tinha condições de comprar, né?” (informação verbal). Destaca, ainda, que nunca comprou absorvente, pois sempre ganhou mais do que precisa, mas ainda assim acha caro.

Embora a menstruação seja um de seus maiores constrangimentos, durante uma revista policial à procura de drogas, os policiais chegaram gritando e apontando armas para ela, o esposo e o neto, para se proteger de uma possível violência, ela logo gritou: “Tô menstruada, tá?”. Mas, a sua relação com o sangue é de tamanha vergonha que ela não conta para ninguém e também nunca quis que o ex-marido e o atual vissem suas roupas íntimas e soubessem de seus ciclos menstruais. Além da vergonha, se sente suja durante os períodos, e destaca que toma banho todo dia:

> Bom, tem o carrinho de papelão, né? Então o carrinho de papelão tem a alça. A gente pega a coberta, coloca dos lados. No caso dá quatro coberta, né? Essas coberta reciclada. A gente coloca as coberta, aí fica tipo um banheiro. Ali a gente bota a vasilha e ali a gente toma banho. A gente pega [água] na Casa do Ceará. A gente pega esses carote, enche eles, a gente esquenta na lata e toma banho (informação verbal).

Ao perguntar se alguma vez ela pegou absorvente em postos de saúde, ela nega com certo espanto, mas afirma que ajudaria bastante na dignidade menstrual[6] das mulheres em situação de rua: “Eu vejo muitas mulheres que moram aqui na rua, eu vejo elas suja, com as roupas sujas. Às vezes não tem condição de comprar um absorvente” (informação verbal).

Em outro momento da conversa, questiono se ela gostava/gosta e se já teve/tem rádio ou televisão. Dona Ana, com um suspiro, e um meio sorriso envergonhado, conta que

[6] O Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual, sancionado em outubro de 2021 pela lei nº 14,214 - originada do projeto 4968/19 aprovado, da deputada Marília Arraes (PT-PE) que prevê a distribuição gratuita de absorventes descartáveis para estudantes dos ensinos fundamental e médio, mulheres em situação de vulnerabilidade e presidiárias. Contudo, o atual Presidente da República, Jair Bolsonaro vetou um série de trechos da lei nº 14.214, como o que discorre sobre a distribuição do item higiênico em cestas básicas entregues pelo Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan), o que defende que o Poder Público daria preferência aos absorventes feitos com materiais sustentáveis, entre outros. Os vetos seguem para o Congresso Nacional para serem analisados.

adorava escutar música no rádio. Mas hoje não tem nenhum dos aparelhos. Ainda assim, ela afirma que qualquer reportagem ou filmagem que façam das pessoas em situação de rua não mostram as pessoas como elas são, além de acreditar que o governo, definitivamente, ignora a população de rua e suas diferentes necessidades.

> Porque é só coisa humilhante. Igual quando vem alguém que doar alguma coisa, eles pedem pra tirar foto. Aí eles postam no face, sabe? Às vezes passa na televisão, igual eles passam aqui tira foto da gente, posta na televisão, a gente passa no jornal. Então eu acho isso muito humilhante. Então eu acho que eles não deveria amostrar o que eles tão fazendo, eles têm que fazer, ajudar as pessoas que tão precisando. Porquê quando a pessoa quer ajudar, a pessoa não tem que amostrar que ajudou, então eu acho isso errado. Eu acho isso humilhante. Eu acho muito humilhante porque você tá expondo a vida da pessoa. Eu acho muito humilhante, eu não gosto. Tem pessoas que vê a gente, corre da gente, acha que a gente é ladrão, que a gente fede, sabe? Isso já aconteceu comigo, sabe? Igual veio um homem aqui e perguntou: "vocês escova dente?". Aí foi que eu falei: "claro que nois escova dente". Aí ele pegou e deu uma pasta de dente uma escova pra gente. Agora porque que a gente tá aqui que a gente não escova dente, que a gente não toma banho? Não é errado? O conselho quer ajudar, ajuda, mas não precisa humilhar. Passa aqui às vezes, eles vai dar alguma coisa pra nois, eles joga a cesta assim, como se a gente fosse cachorro. Então eu sinto isso, a humilhação. [...] É, outros fala: "não encosta, não encosta, é daí mesmo", né? [...] É, joga as coisa pela janela. [...] Joga os biscoito, essas coisa, esses alimento joga pela janela. [...] Nem todo mundo confia na gente porque vê a gente desse jeito. Fica com nojo em encostar em nois. Díficil, é muito complicado. Muito difícil mesmo. O ser humano é (informação verbal).

O sol encoberto de nuvens cinzentas já foi embora e a noite se aproximava. Ao fim, perguntei se ela tinha alguma pergunta para mim e ela quis saber como a nossa conversa poderia me ajudar e servir para alguma coisa. Expliquei que eu faria um trabalho escrito sobre a nossa conversa e, com ele, eu poderia me formar na faculdade. Achei que ela pudesse se recusar a tirar foto, mas rapidamente me disse sim e se ajeitou na cadeira. Não teve sorriso, a vergonha encobria. Agradeci pelo tempo e pela confiança e ela assegura que se eu precisar de mais alguma coisa, é só voltar lá. Espero voltar. Mas, por enquanto, emerjo a superfície da minha própria vida, e caminho para casa anestesiada com as histórias que ouvi e senti.

Foto 1 - Ana Lúcia, 54 anos, tem vergonha de sorrir

Crédito: Amanda Dimes

ESCUTAR A ESPESSURA DAS PALAVRAS

Recomeçar pode estar no futuro, mas estar preparada para perder tudo a qualquer momento e continuar é tão legítimo quanto internalizado no cotidiano das mulheres em situação de rua. As rupturas não vêm em ventos suaves, como possibilidades de mudança oportunas, elas vêm de opressões de todo tipo, como imposições, reafirmando as relações de poder: quem é que manda em quem. O seu lugar é lugar nenhum.

Viver em situação de rua como mulher é uma constante tentativa da vida e demonstração de coragem, resistência e luta, porque precisam ser assim. A exposição é tanta que transfigura a mulher em qualquer coisa que as pessoas queiram enxergar – o que for pertinente no momento: um objeto, animal, selvagem, corpo etc.

A autonomia conquistada pelas ruas é logo dominada por vizinhos, outras pessoas em situação de rua, parceiros, filhos, policiais e doadores. Submissas às vontade de outros, que

não compartilham nenhuma ou a plena outremização[7], assumem, forçadamente, a passividade – uma caracterização do feminino sob o olhar machista. E, por segurança, cercam-se de indivíduos masculinos ou performam a masculinidade. Se este for o caso, a sobrevivência pode ficar um pouco mais leve, mas nunca fácil.

Olhar para a Comunicação como ferramenta de transformação é fundamental para que o jornalismo não evidencie representações reducionistas, indicando estereótipos, e sim pessoas com histórias de vida profundas e complexas, abrangendo novas narrativas para sair do imaginário das idealizações estigmatizadas. Suscitando mudanças sociais nos grupos:

> Baseado nos referidos teóricos e em nossa experiência na prática jornalística, em nosso entendimento, os papéis do jornalismo são: expor e esclarecer problemas; produzir e difundir conhecimento sobre a realidade contemporânea para os cidadãos; mediar a realidade social, saberes e relatos da memória coletiva; educar; prestar serviços comunitários; formar opinião pública, moderar políticas públicas; ajudar na construção de cidadania; dar voz a personagens diversificados e contar boas histórias de vida, denunciar problemas sociais e buscas possíveis soluções. (Bortoli, 2016)

A construção de narrativas realistas sobre mulheres e pessoas em situação de rua depende do refinamento do princípio questionador dos jornalistas para além do interesse social e sim com investigações, provocações e fontes diversas a fim de escancarar as realidades sociais para uma comunidade negligente. Diante dos fatos, mostrar notícias evidenciando seus contextos e pluralidades nem sempre agradáveis, saindo do seu lugar para explorar todos os avessos que a reportagem pode ter. É entender como as técnicas de entrevistas devem ser adequadas aos entrevistados, e não espelhar a entrevista semi ou totalmente estruturada para a (o) própria (o) repórter:

> Escutar é mais do que ouvir. Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras. Escutar é entender tanto o que é dito como o que não é dito. Escutar é compreender que o silêncio também fala - ou compreender que as pessoas continuam dizendo quando param de falar. (BRUM, 2017, p.35)

Em entrevista para a revista Alterjor, concedida a Suzana Rozendo Bortoli, Jorge Kanehide Ijuim, ao falar de Cremilda Medina como sua inspiração no estudos sobre jornalismo humanizado, ressalta o dever do jornalismo perante a coletividade: "[...] que nos faz compreender que o jornalismo só tem sentido se envolver um compromisso diante da sociedade – um compromisso diante da vida". Explica, ainda, as atribuições para a humanização do jornalismo:

---

[7] MORRISON, Toni. A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura. Trad. Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das letras, 2019. Na obra, a autora apresenta o conceito como uma descrição estratégica em discursos para justificar a dominação racial: A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle" (MORRISON, 2019, pág 24)

> [...] Há muitos outros aspectos desses modelos da modernidade que conduzem a uma padronização cega e, por que não, à desumanização do jornalismo. Defendo um jornalismo em que o ser humano seja o ponto de partida e o ponto de chegada. [...] Para um jornalismo humanizado, como suponho, que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração, o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência – dos seus entrevistados e da sua própria consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. [...] Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador. (IJUIM, [Entrevista concedida a] Suzana Rozendo Bortoli, 2016)

E assim eu chego. Não tenho muitas certezas. Eu consegui humanizar, ser humanizada, tratar como humana? Busquei um diálogo possível, tentei escutar e respeitar, quis compreender e enxergar. Sobre o resultado, valorizo demais o caminho, o processo, a chegada. Obrigada, Ana!

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

PEREIRA, Fabrícia da Hora. **Política nacional para a população de rua: adesão e desdobramentos no contexto do Distrito Federal**.1.ed. Curitiba: Appris, 2019.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. rev. e ampl. — Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986

BORTOLI, Suzana Rozendo. **Mulheres adultas em situação de rua e a mídia: histórias de vida, práticas profissionais com a população de rua e representações jornalísticas**. 2017. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.27.2017.tde-01062017-101741. Acesso em: 2021-11-08

IJUIM, Jorge Kanehide. **JORGE KANEHIDE IJUIM: SOBRE O JORNALISMO HUMANIZADO**. [Entrevista concedida a] Suzana Rozendo Bortoli. Revista Alterjor, São Paulo, volume 01, edição 13, p. 1-9, janeiro-junho, 2016

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. Cia das Letras, São Paulo, 1991.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. Tradução Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MORRISON, Toni. A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura. Trad. Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das letras, 2019

SCOTT, Joan. "**Gender: A Useful Category of Historical Analysis**". Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press. 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, gentilmente autorizada por Joan W. Scott. Revisão do português: Marcela Heráclio Bezerra.

ROSA, Anderson da Silva. **Mulheres em situação de rua na cidade de são paulo: um olhar sobre trajetórias de vida**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências). Escola Paulista de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHULZE, Carolina Datria **Quando o corpo se torna lar: narrativas de moradoras de rua de Porto Alegre/RS.** 2018. Dissertação (Mestrado). Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.